



# POSFÁCIO

## “IV SEMINÁRIO DE POLÍTICA DE ACERVOS – MEMÓRIAS E PATRIMÔNIOS LGBT”: RELATO E QUESTÕES

**Leonardo da Silva Vieira<sup>1</sup>**

Pesquisador no Memorial da Inclusão e Coordenador  
e Pesquisador do Coletivo Memória & Resistência

Durante a primeira semana de novembro de 2019, ocorreu o “IV Seminário de Política de Acervos – Memórias e Patrimônios LGBT” na cidade de Florianópolis, no estado de Santa Catarina. Organizado pela equipe do Museu Victor Meirelles/Ibram, o evento teve como objetivo propor a reflexão sobre identidades e expressões de gênero e sexualidades não normativas suscitadas a partir de pesquisas em acervos de instituições de guarda do patrimônio cultural brasileiro, tais como museus, bibliotecas e arquivos.

De início, é fundamental ressaltarmos a relevância deste evento sob variadas óticas. Primeiramente, do ponto de vista político: fruto da ascensão conservadora pela qual passa o Brasil, temos assistido há no mínimo três anos uma série de ataques à diversas iniciativas que se propõem a abordar a diversidade sexual e de gênero da sociedade brasileira – ataques estes intensificados a partir de 2019 com a mudança de gestão do governo federal.

A perseguição a iniciativas culturais pró-LGBT pode ser exemplificada pelo fechamento antecipado da exposição “Queermuseu: Cartografias da Diferença na Arte Brasileira” pelo Santander Cultural, em Porto Alegre<sup>2</sup>; pelas ações de censura ao vídeo publicitário do Banco do Brasil, intitulado

---

<sup>1</sup> Bacharel em História e Mestre em Museologia pela Universidade de São Paulo. E-mail: leonardo.silva.vieira@alumni.usp.br

<sup>2</sup> MENDONÇA, Heloísa. Queermuseu: O dia que a intolerância pegou uma exposição para Cristo. *El País*. São Paulo, 13 set. 2017.

“Diversidade”<sup>3</sup>; pela suspensão do edital “RDE/FSA PRODAV”, financiado pelo Fundo Setorial Audiovisual, do qual constavam como finalistas algumas produções LGBT<sup>4</sup>; e pelas incontáveis declarações homolesbotransfóbicas pronunciadas pelo atual presidente da República e por sua equipe governamental.

Dado tal cenário, a realização de um seminário, em um museu federal, que se propõe a valorizar a diversidade sexual e de gênero presente em acervos institucionais é louvável pela iniciativa e coragem em constituir-se como ponto de resistência e articulação entre profissionais e demais interessados nas temáticas da memória e patrimônio LGBT.

Em segundo lugar, o Seminário mostrou-se extremamente relevante por suas implicações científicas e culturais. Desde as décadas finais do século XX, diversas áreas têm procurado abordar a diversidade sexual e de gênero em suas iniciativas. O Seminário demonstrou que tal procura tem resultado em importantes frutos, a despeito das dificuldades proporcionadas pelo cenário político brasileiro atual.

Em seguida, destaco o fato de a programação do evento ter conseguido de forma radiante conjugar apresentações de iniciativas desenvolvidas por instituições, de portes diversos, e por múltiplos membros da sociedade civil. A articulação de profissionais e pesquisadores de áreas intimamente relacionadas à gestão da memória e patrimônio e de atores diversos da sociedade civil, bem como de membros da burocracia governamental, é fundamental para que as expressões culturais e suas muitas camadas simbólicas sejam valorizadas de acordo com perspectivas díspares e, portanto, complementares.

Nas próximas páginas, me dedicarei a comentar momentos específicos do Seminário no intuito de registrar minhas impressões sobre o evento, divulgar as discussões ocorridas para o maior público possível – afinal, cabe a nós, preocupados com a disseminação da informação e privilegiados de podermos estar em espaços como este, difundirmos as discussões ocorridas para um Brasil tão desigual economicamente – e relacionar tais discussões com indagações que acompanham muitos daqueles que se interessam pela memória e patrimônio LGBT.

### **A homolesbotransfobia institucional**

Como era de se esperar em um evento como este, a homolesbotransfobia institucional foi alvo de diferentes falas durante o seminário. Tony Boita, por exemplo, nos fez refletir como tal fobia está presente nas instituições de salvaguarda, manifestando-se tanto pelo não interesse em representar a comunidade LGBT no acervo da instituição quanto no apagamento de referências à sexualidade e à identidade de gênero de certas personalidades.

---

<sup>3</sup> WIZIACK, Julio; URIBE, Gustavo. Presidente do BB atende Bolsonaro, demite diretor e tira do ar comercial com jovens 'descolados'. *Folha de S. Paulo*, 25 abr. 2019.

<sup>4</sup> EXAME. Ministro suspende edital com séries LGBT, após críticas de Bolsonaro. *Exame*. São Paulo, 21 ago. 2029.

Sobre tal ponto, é impossível não lembrar a pesquisa de mestrado produzida pelo autor deste texto, a qual demonstrou que mesmo após 25 anos propondo-se a coletar acervos que permitam discutir questões sobre “papeis sexuais”, o Museu Paulista da Universidade de São Paulo não demonstrou explicitamente nenhum interesse na diversidade sexual e de gênero não-binária<sup>5</sup>.

Mesmo tendo uma expressiva aquisição de acervo durante os anos de 1990 a 2015 baseada no interesse por questões de gênero, o Museu Paulista manteve-se preso à uma perspectiva binária de gênero e não demonstrou preocupação em abordar expressões sexuais da sociedade LGBT paulista. Além disso, não há referência no Banco de Dados da instituição à sexualidade de personagens que possuem coleções no acervo do Museu, como, por exemplo, Mário de Andrade, Santos Dumont e Burle Marx<sup>6</sup>.

As falas do mestrando Juno Nedel e da doutoranda Maria Zanela trouxeram uma série de elementos para pensarmos sobre as implicações de tal fobia para a comunidade de travestis e transexuais. A homolesbotransfobia é responsável pela ínfima presença de travestis e transexuais em ambientes e instituições de salvaguarda, seja como sujeitos e sujeitas produtores e produtoras de conhecimento e narrativas, seja como dignas e dignos de representação nestes espaços; pelo cerceamento do direito de propagar informação sobre identidades de gênero e sexualidades em escolas e universidades; e pelo desrespeito à identidade de gênero e ao nome social de travestis e transexuais em escolas, locais de trabalho e comércios.

### **A existência da Museologia LGBT**

Boita propiciou também a discussão sobre a existência da chamada Museologia LGBT, discussão que interessa particularmente o autor deste texto. Boita argumentou que, baseando-se em Dominique Poulot, é necessário adjetivarmos as museologias e ressaltarmos as identidades de gênero e sexualidades de seus sujeitos produtores. Além disso, a Museologia LGBT seria fruto de mudanças metodológicas que fundamentariam a existência do termo.

Segundo Jean Baptista e Tony Boita, a Museologia LGBT, dentre outras coisas, é uma “museologia plural”, que “pretende problematizar os ‘esquecimentos’ nos museus brasileiros” e “os silêncios sobre a sexualidade de personalidades importantes“, que “apresenta / desmistifica / valoriza as diferenças”, que “milita em favor da igualdade e equidade”, “pretende desnaturalizar a tríade ‘gay + AIDS + prostituição””, que “explora a polissemia dos objetos”, que “contribui e é solidária com a afirmação e autoafirmação das

---

<sup>5</sup> Cf. VIEIRA, Leonardo da Silva. Apontamentos acerca da política de aquisição de acervo no Museu Paulista (1990-2015). 2018. Dissertação (Mestrado em Museologia) - Museologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2018.

<sup>6</sup> Ver Banco de Dados do Museu Paulista: [acervo.mp.usp.br/ObjetosV2.aspx#](http://acervo.mp.usp.br/ObjetosV2.aspx#)

diversas identidades sexuais”, que “respeita o protagonismo de cada grupo” e que “não tem o intuito de criar novas teorias”<sup>7</sup>.

Os parágrafos anteriores transparecem explicitamente o caráter político da chamada Museologia LGBT. De fato, é fundamental que nós enquanto pesquisadores, profissionais e militantes explicitemos nossos pilares conceituais, metodológicos e nosso lugar de fala – relacionado à nossa formação, classe, raça, sexualidade, etc.

De acordo com Suzy Santos, assim como a Museologia LGBT, a Museologia Indígena e a Museologia Afro-brasileira, por exemplo, podem ser consideradas museologias afirmativas, pois são “referentes a grupos específicos, que evidenciam os lugares de fala em primeira pessoa”<sup>8</sup>.

Não podemos ignorar, porém, os possíveis riscos provocados pela tendência de pulverização, resultante, em parte, da compreensão contemporânea de que a produção e manutenção de sistemas de opressão atingem os indivíduos de formas diferentes a partir do entrecruzamento de marcadores sociais específicos. Afinal, quando falamos em lugar de fala, falamos da sobreposição de uma série de marcadores sociais.

Sendo assim, a diversidade de classe, raça, posicionamentos políticos, identidades de gênero e preferências sexuais estão abarcadas na chamada Museologia LGBT? Estão abarcadas em museologias de nomenclaturas diferentes, mas com possíveis aproximações, tais como a Museologia de Gênero<sup>9</sup> e a Museologia Queer<sup>10</sup>? Se não estão, é preciso inaugurarmos quantas museologias mais?

Ampliando os questionamentos sobre tal tópico, considero muito interessante que nos dediquemos a refletir mais sobre tais nomenclaturas. Seriam, essencialmente, ferramentas de demarcação política e de lugar de fala? Seriam áreas de interesse em construção? Seriam perspectivas teórico-metodológicas? Fiquemos na dúvida.

### **Entre o aquendar e desaquendar**

É importante lembrar que ao pensarmos em iniciativas de valorização da memória e patrimônio, desenvolvidas por instituições ou grupos informais, devemos sempre ter em mente que se trata de processos de seleção, constituindo, portanto, ações de cunho intelectual, político e cultural. Sendo assim,

---

<sup>7</sup> BAPTISTA, Jean; BOITA, Tony apud SANTOS, Suzy da Silva. *Ecomuseus e museus comunitários no Brasil: estudo exploratório de possibilidades*. São Paulo, 2017. Dissertação (Mestrado) Universidade de São Paulo, Museu de Arqueologia e Etnologia, Programa Interunidades em Museologia, 2017, p. 94.

<sup>8</sup> *Ibid.*, p. 91.

<sup>9</sup> RECHENA, Aida. Museologia Social e Gênero. *Cadernos do CEOM*, vol. 27 n. 41, 2014, p. 169.

<sup>10</sup> Cf. BRULON, Bruno. Aula Inaugural da Escola de Museologia da UNIRIO. *Proposições para uma museologia queer: um debate sobre o problema da diferença nos museus*. 2018; SANTANA, Luís Felipe Pinheiro Peres de. Sobre identidades e museus: a necessidade de uma Museologia Queer. In: III Seminário Internacional e Intercultural de Museologia, 2017, Goiânia. *Caderno de Resumos*. Goiânia: UFG, p. 33.

muitos dos participantes do evento pautaram a seguinte questão: quais as memórias que queremos lembrar e quais queremos esquecer?

Maria Zanela, por exemplo, questionou quais são as memórias das travestis para além de situações de violência. Tal provocação nos leva a refletir sobre a importância de abordarmos memórias traumáticas, no intuito de denunciarmos as inúmeras formas de violência sofridas pela comunidade LGBT, e também nos debruçarmos sobre memórias não-traumáticas que valorizam as expressões LGBT, procurando, assim, fortalecermos a auto estima destas populações e a noção de comunidade, e, conseqüentemente, incentivarmos espaços de resistência à homofobia e transfobia.

É nesse intuito, por exemplo, que parte considerável do movimento LGBT enfatiza a necessidade de falarmos sobre a sexualidade de personagens conhecidas da história nacional. Não se trata de focar sobre a vida privada de terceiros, mas sim de valorizarmos trajetórias notáveis de LGBT, de proporcionarmos o reconhecimento das populações LGBT em instituições de salvaguarda e de contribuirmos para o respeito à diversidade sexual.

Ainda sobre este tópico, vale a pena trazermos as considerações da professora de Direito da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), Grazielly Baggenstoss. Sua fala trouxe à discussão a questão do direito à memória, garantido pela Constituição Brasileira e responsável por, segundo Baggenstoss, complexificar o debate e o conhecimento produzido, reconhecer práticas e modular a coletividade, e a importância da memória coletiva para a garantia de direitos.

As considerações de Baggenstoss são fundamentais para a temática deste texto. Valorizar a memória e o patrimônio LGBT não se mostra importante apenas do ponto de vista cultural mas também, fundamentalmente, do ponto de vista de construção da cidadania. Afinal, é essencial que a comunidade LGBT tenha reconhecida suas memórias ao longo de toda a história da humanidade e que seja compreendida como expressão da diversidade humana.

### **Memórias marginais**

Dentre as inúmeras memórias da comunidade LGBT possíveis de serem valorizadas e musealizadas, encontram-se as memórias sobre sociabilidades e territórios relacionados a “expressões marginais do desejo”, nas palavras de Daniel Kerry dos Santos, professor de Psicologia na Universidade do Sul (UNISUL).

A fala de Santos trouxe à tona diversas iniciativas que abordam práticas sexuais comuns a certos membros da comunidade LGBT, em especial à comunidade de homens gays, travestis e transexuais, tais como a prática do banheiro, a pegação em parques e espaços públicos e a frequência a zonas de prostituição, saunas, cinemas pornôs e festas sexuais. Maria Zanela também tocou nesta discussão ao abordar sobre as “memórias do campo pista”.

Para além do encaminhamento de questões relativas à construção do desejo – como, por exemplo, o fetiche pela adrenalina propiciada pelo sexo em espaços públicos ou por relações sexuais com desconhecidos – as práticas citadas acima propiciam abordagens interessantes sobre encontros afetivos e sexuais efêmeros e protegidos, por um lado, pela ignorância com relação à identidade de seus parceiros e, por outro, pelo ambiente privado encontrado em saunas, cinemas pornô e locais de prostituição. Dessa forma, tais práticas são comuns, dentre inúmeros grupos sociais, a homens que publicamente mantem relações com mulheres e indivíduos que estão impossibilitados de darem vazão à sua afetividade e sexualidade em outros espaços.

É interessante citar o filme “Não é o Homossexual que é Perverso, mas a Situação em que Ele Vive” (1971), de Rosa von Praunheim. Este filme, de forte caráter militante, argumenta que muitas das situações marginais pelas quais os homossexuais são submetidos não são fruto da perversidade destes sujeitos, e sim são formas encontradas para lidar com o preconceito. A frequência de ida a saunas, cinemas pornô, banheiros públicos e parques públicos, por exemplo, em busca de encontros sexuais, pode ser lido nesta perspectiva.

De toda forma, as falas de Santos e Zanela colocaram uma série de questões para os participantes do evento: como acessar estas memórias? Como abordar estes sujeitos? Como balancear o interesse em visibilizar tais práticas, no intuito de aprofundar a sua compreensão, e sua necessidade de invisibilidade? Como lidar com a efemeridade das territorialidades de pegação e prostituição em processos de musealização e patrimonialização?

### **Fontes para a produção de narrativas e de conhecimento**

É comum, em debates sobre a história e memória de “minorias políticas”, nos vemos confrontados pela máxima de que não existem fontes para construirmos narrativas sobre tais grupos. Esta afirmação é muitas vezes utilizada para justificar a ausência de produção sobre as comunidades negras e LGBT<sup>11</sup>.

Durante o Seminário, tivemos alguns momentos de discussão sobre essa pretensa ausência de fontes. Na perspectiva de Juno Nedel, existem muitas fontes sobre a comunidade de transexuais, porém, boa parte delas possui discursos problemáticos, afinal há poucas fontes produzidas por indivíduos trans.

A afirmação de Nedel pode ser estendida a todos os grupos da comunidade LGBT, afinal quanto mais recuamos no tempo, mais difícil se mostra obtermos acesso a fontes de autoria LGBT. É preciso, porém, pontuarmos que, como nos lembrou também Nedel, existe uma lógica normatizadora e padronizadora nos arquivos, o que acarreta que muitas coleções tenham sido catalogadas sem a devida

---

<sup>11</sup> Sobre este tópico, cf. GREEN, James Naylor; POLITO, Ronald. *Frescos trópicos: fontes sobre a homossexualidade masculina no Brasil, 1870-1980*. Rio de Janeiro: Editora José Olympio, 2004.

atenção à sexualidade de seus autores – bem como discutido no tópico sobre a homolesbotransfobia institucional.

Por outro lado, é sabido que nossas instituições de salvaguarda, mais especificamente museus e arquivos, carecem de coleções que abarquem a diversidade sexual da sociedade brasileira. As falas de muitos participantes do evento, tal como Leticia Bauer, porém, trouxeram importantes elementos para lidarmos com tal situação.

Bauer, ao narrar o processo de concepção da exposição “Uma Cidade pelas Margens”, montada no Museu Joaquim José Felizardo em Porto Alegre, nos levou a refletir como é urgente a necessidade de os acervos das instituições museológicas brasileiras serem revistos sob a ótica da valorização da diversidade sexual. Foi também a partir desta revisão que a exposição em questão foi possível<sup>12</sup>.

Sobre tal questão, cabe citarmos o projeto *Queering the Collections (QtC)* e o trabalho desenvolvido pelo Museu Britânico nos últimos anos. O projeto citado constitui uma iniciativa da IHLIA LGBT Heritage, da Reinwardt Academie, do Amsterdam Museum e do COMCOL: ICOM International Committee For Collecting, e um de seus pontos mais interessantes é que ele foca suas atenções em discutir a existência de coleções sobre a diversidade sexual em instituições não especializadas na comunidade LGBT.

Esta frente de atuação vai ao encontro da perspectiva de que a diversidade sexual e de gênero interessa não apenas à comunidade LGBT e sim a toda a sociedade. Sendo assim, ao mesmo tempo em que é importante que haja instituições especializadas, é necessário que toda instituição de memória assuma o compromisso de trabalhar em prol da valorização da diversidade sexual e de gênero.

O British Museum tem atuações muito interessantes neste sentido e gostaria de chamar atenção para dois projetos desenvolvidos no museu: o percurso expositivo com objetos da exposição permanente do Museu que fazem referência à diversidade sexual e o livro *A Little Gay History: Desire and Diversity across the World*.

Foquemos nossas atenções primeiramente no percurso expositivo. Richard Parkinson comenta que desde 2007 o acervo do museu tem sido abordado a partir da diversidade sexual e de gênero, primeiramente por Kate Smith, de forma autônoma, e posteriormente pela equipe do museu<sup>13</sup>.

Atualmente, no site do Museu Britânico, é disponibilizado o percurso *Desire, love, identity: LGBTQ histories trail*, montado a partir de 15 objetos da exposição que permitem discussões sobre a diversidade

---

<sup>12</sup> Cf. BARNART, Fabiano; BAUER, Leticia. 'Sabia que Estaria Aqui': Relatos sobre os Processos Criativos do Projeto 'Uma Cidade pelas Margens'. *Revista Latino Americana de Geografia e Gênero*, v. 8, n. 1, p. 438-467, 2017.

<sup>13</sup> COENRAEDTS, Thomas; KNOOP, Riemer; POL, Pauline van der. *Queering the Collections. Tips & tricks voor het nog zichtbaarder maken van gender- & seksuele diversiteit in musea en collecties*. Amsterdam: IHLIA LGBT Heritage, Reinwardt Academie en de auteurs, 2016.

sexual e de gênero. O Museu disponibiliza também uma série de áudios sobre cada peça presente no percurso<sup>14</sup>.

O livro *A Little Gay History* nasceu do sucesso do roteiro citado acima e apresenta 40 objetos do acervo da instituição que possuem alguma referência à história LGBT. Este livro constitui um marco para a memória LGBT por sua natureza e abrangência<sup>15</sup>.

A experiência do Museu Britânico chama atenção para a possibilidade de que toda instituição museológica possua em seu acervo referências à diversidade sexual, afinal esta diversidade sempre esteve presente nas mais variadas sociedades, classes sociais, temporalidades e territórios<sup>16</sup>. Só teremos certeza da validade ou não desta afirmação quando os profissionais responsáveis pelas instituições de memória estiverem interessados a revisitarem seus acervos a partir desta perspectiva.

Enquanto a grande maioria dos profissionais e instituições museológicas, por exemplo, se esquivarem desta tarefa, continuaremos a ignorar a histórica diversidade sexual presente nas sociedades humanas.

Outro tópico debatido no Seminário e que está diretamente ligado à existência de fontes para a abordagem da diversidade sexual em instituições de memória diz respeito aos arquivos pessoais. Ana Maria Camargo, docente do curso de História da Universidade de São Paulo e coordenadora do projeto Arquivo Claudia Wonder, desenvolvido no Museu da Diversidade Sexual, tratou, dentre outros tópicos, desta questão.

Camargo abordou o processo de tratamento e catalogação do arquivo da artista Claudia Wonder chamando atenção para certas discussões sobre a natureza de acervo museológico e acervo arquivístico, modelos de catalogação documental, bases para a criação de fichas de catalogação e a natureza neutra e imparcial de fundos de arquivo.

No que se refere ao tópico em questão, a fala de Camargo apontou para a necessidade de as instituições de salvaguarda se debruçarem sobre os arquivos pessoais de LGBT.

Muitos desses arquivos, atualmente, encontram-se dispersos e sob os mais variados estados de conservação. A aquisição de tais arquivos por museus, por exemplo, mostra-se fundamental para garantir a preservação destas coleções e para ampliar as coleções institucionais que se relacionam com a diversidade sexual. É preciso colocar que Bauer também nos trouxe importantes reflexões sobre essa questão ao

---

<sup>14</sup> Cf. o percurso em: <https://www.britishmuseum.org/visit/object-trails/desire-love-identity-lgbtq-histories#prints-and-drawings>.

<sup>15</sup> PARKINSON, Richard B. *A little gay history: desire and diversity across de world*. Londres: The British Museum Press, 2013.

<sup>16</sup> Cf., por exemplo: CARMO, Paulo Sérgio do. *Prazeres e pecados do sexo na história do Brasil*. São Paulo: Edições Sesc, 2019; TREVISAN, João Silvério. *Devassos no paraíso. A homossexualidade no Brasil*. 4a ed. Rio de Janeiro: Objetiva, 2018.

comentar que a existência de arquivos pessoais contribuiu decisivamente para a montagem da exposição *Uma Cidade pelas Margens*.

### **Existem arquivos neutros?**

A fala de Camargo trouxe também à tona a discussão sobre o caráter neutro, imparcial, da classificação de conjuntos documentais. Relembrando a máxima de que os documentos não falam, e sim os historiadores por meio deles, Camargo defendeu que “os arquivos são inertes e não um discurso”.

A historiadora, porém, foi questionada sobre pontos que colocariam em xeque o caráter imparcial dos arquivos, tais como o processo não-automático de produção e arquivamento de documentos, o que pode levar com que certos critérios sejam levados em conta no momento de arquivamento, especialmente em acervos pessoais, e a definição de modelos e instrumentos de classificação.

A adoção, por exemplo, de um determinado modelo de ficha catalográfica em detrimento de outro pode ser fruto não apenas de “critérios técnicos”. O profissional responsável pela catalogação ou pelo arranjo arquivístico de uma coleção pode direcionar seu olhar para questões de ordem material – tamanho, cor, textura – ou de ordem social – utilização, proveniência -, por exemplo.

Por fim, considerando o tema do Seminário em questão, retorno à discussão sobre a ausência de referências sobre a sexualidade de determinados personagens que legaram coleções aos museus. A não inclusão destas informações em instrumentos de gestão de acervo, como ficha de catalogação e banco de dados, seria uma postura neutra? Esta ausência não estaria contribuindo para direcionar, no mínimo, a análise do pesquisador? Estas e outras perguntas merecem nossa atenção.

### **Cogestão das memórias e patrimônios LGBT**

Como dito na introdução deste texto, um dos pontos fortes do Seminário se deu pela articulação de atores sociais diversos. Ao nos atentarmos à programação do evento, veremos que foram congregadas falas e debates de profissionais, pesquisadores, agentes culturais e militantes pró-LGBT. Nesse sentido, gostaria de chamar atenção para as duas rodas de memória que ocorreram no seminário com a presença de Dinho, Lirous K'yo Fonseca Ávila e Drica Darc Meirelles.

Edivaldo Pedro de Oliveira, o famoso “Dinho rendeiro”, além de conhecido por ser um dos únicos homens a fazer renda de bilro na capital catarinense, é prestigiado como uma importante referência para a história do carnaval de Florianópolis por organizar desfiles e concursos de fantasia na comunidade do Pântano do Sul.

Durante o Seminário, pudemos assistir ao documentário “As Rendas de Dinho”, dirigido por Adriane Canan, filme que aborda momentos da trajetória de Dinho na comunidade de Pântano do Sul, sua estadia em São Paulo e no Canadá, suas experiências como rendeiro, como carnavalesco e como

transformista, entre outros tópicos<sup>17</sup>. Ao final da exibição, pudemos conversar com Dinho sobre suas memórias e o processo de realização do filme.

Lirous e Drica Meirelles compartilharam durante o Seminário suas experiências com a Associação em Defesa dos Direitos Humanos com Enfoque na Sexualidade (ADEH), ONG atuante na defesa dos direitos da comunidade LGBT de Florianópolis.

Lirous, assistente social, DJ e presidenta da ADEH, atua como voluntária na Associação desde 2010. Nestes quase 10 anos de envolvimento com a pauta LGBT, Lirous trouxe à discussão suas memórias com relação ao movimento LGBT de Florianópolis, memórias estas que manifestam os desafios e prazeres resultantes de sua atuação. Já Drica, natural de Parintins, estado do Amazonas, conheceu a ADEH ao chegar em Florianópolis depois de ser expulsa de casa pelos pais. No momento atua como voluntária na Associação.

As participações acima deixam explícita a importância de compreendermos que o trato com a memória social demanda a participação de atores diversos, tais como profissionais especializados, militantes e membros da sociedade civil. Esta cooperação é fundamental para termos acesso às múltiplas camadas de significado de uma referência cultural e para gerirmos o patrimônio cultural de forma colaborativa e orgânica com os desejos dos grupos sociais aos quais tal patrimônio se refere. Esta perspectiva de trabalho é chamada por muitos de cogestão ou gestão colaborativa – ou “autoridade compartilhada”, de acordo com Benito Bisso Schmidt.

Diversos grupos e coletivos pró-memória LGBT têm desenvolvido iniciativas na perspectiva da cogestão do patrimônio, dentre os mais recentes estão a CasAmor, de Aracaju, o Centro de História Oral e Memória Social LGBT de Jundiá, o Coletivo Memória & Resistência, de São Paulo, o Instituto Cultura Arte Memória LGBT+, do Distrito Federal, e o Ponto de Memória Aquenda as Indacas, de Vitória<sup>18</sup>.

Ainda sobre algumas iniciativas brasileiras, quando recuamos um pouco no tempo nos deparamos com as propostas do Acervo Bajubá, de São Paulo, do Ponto de Memória LGBT, de Maceió, da Rede LGBT de Memória e Museologia Social, com núcleos em diversas cidades do país, e da Revista Memória LGBTIQ+.

## Considerações Finais

Procurei neste texto apresentar um panorama das principais discussões ocorridas durante o *IV Seminário de Política de Acervos – Memórias e Patrimônios LGBT*, bem como de relacioná-las com questões que, a meu ver, permeiam, os campos da Museologia, do Patrimônio e da História LGBT de forma geral.

---

<sup>17</sup> AS RENDAS DE DINHO. Direção e roteiro: Adriane Canan. Produção: Flávia Person. Santa Catarina: 2019. Digital (25 minutos).

<sup>18</sup> VIEIRA, Leonardo da Silva. Notas sobre iniciativas contemporâneas de cogestão das memórias LGBT. Revista Memórias LGBTIQ+, p. 10 - 15, 05 abr. 2020.

Longe de apresentar um relato detalhado de todas as falas ocorridas durante o evento, meu desejo ao escrever este texto foi registrar e provocar algumas reflexões que me parecem importantes para uma gama variada de indivíduos interessados na memória e patrimônio LGBT.

O interesse em indicadores de memória da comunidade LGBT no Brasil é algo recente. Mesmo que tenhamos desenvolvido algumas iniciativas extraordinárias, sinto que temos muito a caminhar: nos falta avançarmos na construção de políticas públicas, nos diferentes níveis de governo, de valorização efetiva das memórias e patrimônios LGBT; nos falta fazer circular a informação sobre as iniciativas desenvolvidas recentemente no Brasil e no mundo; nos falta tirarmos do armário dezenas de personagens conhecidos da sociedade brasileira, bem como de nos dedicarmos à história de inúmeros indivíduos LGBT brasileiros, famosos ou anônimos.

Para darmos conta destas e de outras demandas, considero essencial que reflitamos sobre as questões colocadas ao longo deste texto. Não devemos, porém, esperarmos respostas únicas e cristalizadas para muitas delas, mas devemos almejar a compreensão de suas complexidades e a construção de consensos para que possamos caminhar em busca de objetivos em comum.

## REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Maria Mota. MUDANÇAS SOCIAIS / MUDANÇAS MUSEAIS, Nova Museologia/Nova História - Que relação?. *Cadernos de Sociomuseologia*, [S.l.], v.5, n. 5, jun. 1996. Disponível em: <<http://bit.ly/2RGYy8p>>. Acesso em: 30 maio 2018.

AMARAL, Flávio. Os quatro caminhos para o lete: o mergulho de objetos, coleções e acervos LGBITTQ na desmemória. *Anais do II Seminário Internacional Museu, memória e ativismo*. Goiânia, GO, 2014, p. 237-249.

BAPTISTA, Jean; BOITA, Tony. Memória e esquecimento LGBT nos museus, patrimônios e espaços de memória no Brasil. *Revista do Centro de Pesquisa e Formação SESC*, v. 5, p. 108-119, 2017. Disponível em: <<https://www.secsp.org.br/files/artigo/70a5e644/a393/463e/a32c/38a11c4c671c.pdf>>. Acesso: abr. 2020

BARBUY, Heloisa; ORNSTEIN, Sheila Walbe. Museu Paulista: Contribuições Acadêmicas e Políticas Públicas. In: GOLDEMBERG, J. (Coord). *USP 80 anos*. São Paulo, Edusp, 2015.

BARNART, Fabiano; BAUER, Leticia. 'Sabia que Estaria Aqui!': Relatos sobre os Processos Criativos do Projeto 'Uma Cidade pelas Margens'. *Revista Latino Americana de Geografia e Gênero*, v. 8, n. 1, p. 438-467, 2017. Disponível em: <<https://revistas.apps.uepg.br/index.php/rlagg/article/view/10367>>. Acesso: abr. 2020.

BRULON, Bruno. Aula Inaugural da Escola de Museologia da UNIRIO. *Proposições para uma museologia queer: um debate sobre o problema da diferença nos museus*. 2018.

CARMO, Paulo Sérgio do. *Prazeres e pecados do sexo na história do Brasil*. São Paulo: Edições Sesc, 2019

CARVALHO, Vânia Carneiro de. 2014. Interior objects collection in a history museum: shifting from donations to research-based acquisitions. *University Museums and Collections Journal*, 7, 9-19.

COENRAEDT'S, Thomas; KNOOP, Riemer; POL, Pauline van der. *Queering the Collections. Tips & tricks voor het nog zichtbaarder maken van gender- & seksuele diversiteit in musea en collecties*. Amsterdam: IHLIA LGBT Heritage, Reinwardt Academie en de auteurs, 2016.

EXAME. Ministro suspende edital com séries LGBT, após críticas de Bolsonaro. *Exame*. São Paulo, 21 ago. 2019. Disponível em: <<https://exame.abril.com.br/brasil/ministro-suspende-edital-com-series-lgbt-apos-criticas-de-bolsonaro/>>. Acesso: abr. 2020.

GREEN, James Naylor; POLITO, Ronald. *Frescos trópicos: fontes sobre a homossexualidade masculina no Brasil, 1870-1980*. Rio de Janeiro: Editora José Olympio, 2004.

HOONAARD, Lonke van den; KNOOP, Riemer; PARRY, Manon S.; SCHRAM, Kevin. *Queering the Collections. Annual Report 2016*. Amsterdam: IHLIA, 2017. Disponível em: <[http://network.icom.museum/fileadmin/user\\_upload/minisites/comcol/pdf/QnC\\_Annual\\_Report\\_2016\\_FIN\\_Xa\\_lc\\_web.pdf](http://network.icom.museum/fileadmin/user_upload/minisites/comcol/pdf/QnC_Annual_Report_2016_FIN_Xa_lc_web.pdf)>. Acesso: abr. 2020.

MAKINO, Miyoko; SILVA, Shirley Ribeiro da; LIMA, Solange Ferraz de; CARVALHO, Vânia Carneiro de. O Serviço de documentação textual e iconografia do Museu Paulista. *Anais do Museu Paulista*, São Paulo, v. 10-11, n. 1, p. 259-304, 2003. Disponível em: <<http://bit.ly/2qGfReE>>. Acesso: maio 2018.

MENDONÇA, Heloísa. Queermuseu: O dia que a intolerância pegou uma exposição para Cristo. *El País*. São Paulo, 13 set. 2017. Disponível em: <[https://brasil.elpais.com/brasil/2017/09/11/politica/1505164425\\_555164.html](https://brasil.elpais.com/brasil/2017/09/11/politica/1505164425_555164.html)>. Acesso: abr. 2020.

MENESES, Ulpiano Bezerra de. Plano Diretor do Museu Paulista da USP. São Paulo, Museu Paulista, 1990 In: VIEIRA, Leonardo da Silva. *Apontamentos acerca da política de aquisição de acervo no Museu Paulista (1990-2015)*. 2018. Dissertação (Mestrado em Museologia) - Museologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2018. Disponível em: <<https://teses.usp.br/teses/disponiveis/103/103131/tde-01102018-094720/pt-br.php>>. Acesso em: 24 fev. 2020.

PARKINSON, Richard B. *A little gay history: desire and diversity across de world*. Londres: The British Museum Press, 2013.

RECHENA, Aida. Museologia Social e Gênero. *Cadernos do CEOM*, vol. 27 n. 41, p. 153-174, 2014. Disponível em: <<https://bell.unochapeco.edu.br/revistas/index.php/rcc/article/download/2601/1500>>. Acesso: abr. 2020.

RIGHETTO, Guilherme Goulart. *#TRANSliteracy: competência em informação voltada às pessoas trans\**. São Paulo: Pimenta Cultural, 2019.

SANTANA, Luís Felipe Pinheiro Peres de. Sobre identidades e museus: a necessidade de uma Museologia Queer. In: *III Seminário Internacional e Intercultural de Museologia*, 2017, Goiânia. Caderno de Resumos. Goiânia: UFG, p. 33.

SANTOS, Suzy da Silva. *Ecomuseus e museus comunitários no Brasil: estudo exploratório de possibilidades*. São Paulo, 2017. Dissertação (Mestrado) Universidade de São Paulo, Museu de Arqueologia e Etnologia, Programa Interunidades em Museologia, 2017.

TREVISAN, João Silvério. *Devassos no paraíso. A homossexualidade no Brasil*. 4a ed. Rio de Janeiro: Objetiva, 2018.

WIZIACK, Julio; URIBE, Gustavo. Presidente do BB atende Bolsonaro, demite diretor e tira do ar comercial com jovens 'descolados'. *Folha de S. Paulo*, 25 abr. 2019. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/mercado/2019/04/presidente-do-bb-atende-bolsonaro-demite-diretor-e-tira-do-ar-comercial-com-jovens-descolados.shtml>>. Acesso: abr. 2020.